



O HOMEM SALVO PELO RISO: O DISCURSO SÉRIO-CÔMICO NAS *HELÊNICAS* II.3.36

THE MAN SAVED BY LAUGHTER:
THE SERIOUS-COMIC SPEECH ON *HELLENIKA* II.3.36

Emerson Cerdas¹

Universidade Estadual Paulista/Araraquara

Resumo: Xenofonte, nas *Helênicas* II.3.36, narra a morte de Terâmenes, comentando que essa narrativa não é digna de menção em uma obra historiográfica. O objetivo desse artigo é analisar essa passagem, buscando compreender o porquê de Xenofonte sentir necessidade de se justificar ao narrar essa história. Pensamos que tal necessidade deriva do fato de Xenofonte apresentar tanto um tema distinto do historiográfico, quanto pela presença do discurso sério-cômico na obra historiográfica.

Palavras-Chave: Xenofonte; Historiografia; Discurso sério-cômico.

Abstract: In *Hellenika* II.3.36, *Xenophon* recounts the death of *Teramenes* and observes that this narrative is not worthy of mention in a historiographical work. This article analyzes this passage and examines why *Xenophon* feels it is necessary to justify telling this story. This need stems not only from the fact that *Xenophon* presents a theme distinct from the normal historiographical subject matter but also because of the presence of serious-comic speech in his historiographical work.

Keywords: *Xenophon*; *Historiography*; *Serious-comic speech*.

¹ emersoncerdas@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Xenofonte é, nas *Helênicas*, um continuador² de Tucídides, já que a sua obra se inicia no ponto em que este tivera que interromper sua obra por causa de sua morte³. Como seu continuador, Xenofonte também manteve, de um modo geral, o estilo adotado por Tucídides na maior parte da narrativa⁴. O modelo tucidideano de se escrever a história foi bastante imitado no século IV a.C., a despeito da obra de Ctésias de Cnido, que constrói a sua obra – hoje fragmentária – imitando Heródoto. Observa-se que os historiadores do século IV a.C., ao contrário dos seus modelos, não tinham a necessidade de desenvolver o discurso historiográfico e seu complexo sistema de significação a partir do nada; tinham a obra de Heródoto e Tucídides como ponto de partida (RAHN, 1971; HARTOG, 2001; POWNALL, 2004) e quem quisesse se aventurar na produção de “historiografias”, sabia a quem imitar.

Como resultado dessa imitação, as mais visíveis e importantes posturas estilísticas mantidas por Xenofonte foram a utilização de um narrador impessoal, que se esconde anonimamente por trás da narrativa, e a escolha de um tema da história contemporânea como assunto da sua obra. Diferentemente de Heródoto, que recolhe os testemunhos sobre o passado para impedir que ele seja esquecido, Tucídides coloca a impossibilidade de conhecer o passado antigo com *akribeia*, rigor e precisão, como motivo de dedicar-se ao presente, este para o qual o historiador, pela sua privilegiada posição de testemunha, pode se tornar uma fonte e uma tradição confiável para o futuro. Essa perspectiva tornou a escrita da história contemporânea bastante regular na Antiguidade, pois, como observa Paul Veyne (2014, p.18), “O passado já tem seus historiadores [as fontes

² Assim como Xenofonte, Teopompo escreveu uma obra intitulada *Helênicas*, seguindo o modelo de Tucídides. Além dessas duas obras, foi descoberto no século XX, nos papiros de Oxirrinco, a *Helênicas de Oxirrinco*, cuja autoria ainda é incerta. Segundo Lerida (2007, p.9-10), embora falte a esse texto qualidades estilísticas, a objetividade com que apresenta os fatos o tornam os dados apresentados mais confiáveis do que os narrados na obra de Xenofonte.

³ Não se sabe ao certo nem como nem onde Tucídides morreu e sua obra termina abruptamente no Livro VII.109, com a narração da batalha de Cinossema. Diêgenes Laértios (II.57), na vida de Xenofonte, embora não abone com convicção essa informação, diz que foi Xenofonte quem publicou a obra de Tucídides, porém, acreditamos que essa anedota se deve ao fato dele ter sido um continuador da obra de Tucídides, iniciando sua narrativa no ponto em que este deixara inacabada.

⁴ Vivienne Gray (1989, p.9-10) contesta a incidência do modelo tucidideano na narrativa de Xenofonte, afirmando que seu método de narrar é mais influenciado por Heródoto do que por Tucídides, principalmente pela presença de cenas em que personagens dialogam em ambiente particular.

tradicionais do mito ou orais do passado], enquanto que a época contemporânea espera que um historiador se torne fonte histórica e estabeleça a tradição”.

Quanto ao tipo de narrador impessoal, através dele, Tucídides buscava garantir a credibilidade junto aos seus leitores quanto aos fatos narrados, criando a impressão de que os eventos ocorreram exatamente como ele os descreve, sem a possibilidade de uma outra versão ou mesmo de uma outra combinação dos fatos (CAWKWELL, 1979, p.16). Embora essa forma de escrever a história tenha se tornado exemplar na tradição historiográfica, na obra de Tucídides ela é uma ruptura com o modelo de Heródoto e sua forma de trabalhar o passado, que, ao contrário, por toda sua narrativa a comenta, apresenta versões diferentes e busca justificar as suas escolhas.

Esses dois pontos, o tipo de narrador e a escolha temática, são fundamentais para se compreender o processo de imitação que Xenofonte faz do modelo de Tucídides, pois, em quase toda a narrativa das *Helênicas*, ele se mantém atrelado a essa forma de escrever a história. Por isso, chama-nos bastante atenção três passagens das *Helênicas*, em que o narrador se desvela de sua impessoalidade e comenta abertamente com o leitor o seu fazer narrativo, pois essas três passagens meta-literárias indicam uma transgressão à forma e ao modelo de se narrar a história com a qual ele estava conduzindo sua narrativa⁵.

Dedicaremos, nesse artigo, uma análise pormenorizada apenas da primeira interferência do narrador nas *Helênicas*. Nossa proposta de leitura visa compreender como se articula essa passagem meta-literária das *Helênicas* dentro desse contexto da historiografia antiga, tentando responder o porquê da necessidade dessa justificativa que Xenofonte faz ao seu leitor. Embora reconheçamos que a análise em conjunto dessas três incidências produzisse esclarecimentos quanto ao sentido global dessas rupturas, o espaço de um artigo não nos permitiria fazer uma análise profunda de cada passagem específica. Nos focamos na primeira ocorrência, principalmente pela presença de um inusitado discurso cômico dentro de um gênero classificado pela retórica antiga como sério, criando, portanto, uma representação sério-cômica da realidade histórica.

⁵ O primeiro comentário ocorre Livro II.3.56; a segunda, no Livro V.1.3-4; e a terceira, no Livro VII.2.1.

1 XENOFONTE ROMPE COM TUCIDIDES

A passagem em questão ocorre no Livro II.3.36:

[56] Eles conduziram o homem através da ágora, que mostrava com grandes gritos o muito que sofria. Diz-se dele essa frase: como Sátiro disse que ele lamentaria, se não fizesse silêncio, perguntou: "e se paro, acaso não lamentarei?". E quando, condenado a morrer, bebeu cicuta, dizem que ele, jogando o que sobrara como se fosse cótabo, disse: "Isto é para o belo Crítias". Não ignoro que este dito não é digno de menção, porém julgo aquilo admirável neste homem, que tendo se aproximado da morte não abandonou nem a sensatez nem o espírito brincalhão⁶ (XENOFONTE, II.3.56, tradução nossa).

Xenofonte narra nessa passagem a morte de Terâmenes⁷, mas diz que reconhece que o dito proferido por esse personagem histórico não é digno de menção (*ouk aksióloga*), porém ele revela algo admirável (*agastón*) nesse homem, que diante da morte manteve a sensatez (*phrónimon*) e o espírito brincalhão (*paigniódēs*). Esses quatro termos são essenciais para se compreender a passagem, pois criam um questionamento quanto ao termo *aksiólogos*, aquilo que é digno de menção de uma narrativa historiográfica. Ao afirmar que não ignora (*ouk agnoó*) que o que está narrando não é digno de menção, Xenofonte de algum modo mostra que conhecia os parâmetros narrativos que coordenavam o discurso historiográfico e, mais do que isso, demonstra que seus leitores também o reconheciam, à medida que, ao infringir tais parâmetros, ele precisa se justificar.

O termo *aksiólogos* aparece no "Prefácio" de Tucídides para a *Guerra do Peloponeso* (I.1-23) e, conforme Breitenbach (1966, apud RAHN, 1971, P.502), ele passou, desde então, a fazer parte da tradição historiográfica. Mas o que significava para Tucídides o *aksiólogos*, para que Xenofonte o conteste? Tucídides estabeleceu que o melhor assunto de uma obra historiográfica é o comportamento político e econômico das grandes cidades que estão em guerra.

⁶ No original: [56] οἱ δ' ἀπήγαγον τὸν ἄνδρα διὰ τῆς ἀγορᾶς μάλα μεγάλη τῇ φωνῇ δηλοῦντα οἷα ἔπασχε. λέγεται δ' ἐν ῥῆμα καὶ τοῦτο αὐτοῦ. ὡς εἶπεν ὁ Σάτιρος ὅτι οἰμώξειτο, εἰ μὴ σιωπήσειεν, ἐπήρετο: ἂν δὲ σιωπῶ, οὐκ ἄρ', ἔφη, οἰμώξομαι; καὶ ἐπεὶ γε ἀποθνήσκειν ἀναγκαζόμενος τὸ κώνειον ἔπιε, τὸ λειπόμενον ἔφασαν ἀποκοτταβίσαντα εἰπεῖν αὐτόν: Κριτία τοῦτ' ἔστω τῷ καλῷ. καὶ τοῦτο μὲν οὐκ ἀγνοῶ, ὅτι ταῦτα ἀποφθέγματα οὐκ ἀξιόλογα, ἐκεῖνο δὲ κρίνω τοῦ ἀνδρὸς ἀγαστόν, τὸ τοῦ θανάτου παρεστηκότος μήτε τὸ φρόνιμον μήτε τὸ παιγνιῶδες ἀπολιπεῖν ἐκ τῆς ψυχῆς.

⁷ Terâmenes foi um dos principais protagonistas da história ateniense durante os últimos anos da Guerra do Peloponeso. Teve papel fundamental nas negociações de paz entre Atenas e Esparta e esteve, assim, associado ao governo dos Trinta e à sua política de terror. Porém, ao se afastar do governo e do apoio a Crítias, foi acusado de traição e condenado à morte.

Contudo, ele se diz consciente da necessidade de analisar os fatos com rigor (*akríbeia*) e com clareza (*saphós*), diante de uma tendência natural do povo a engrandecer os eventos, mesmo os contemporâneos. Para isso então ele estabeleceu critérios de análise, e, segundo Tucídides, a Guerra do Peloponeso é a mais digna de menção” (*aksiologótaton*), pois nela os povos participantes estavam no auge do seu poder financeiro e reuniu quase a totalidade de gregos. Amparado por esses dois parâmetros, Tucídides tinha a expectativa de que essa guerra fosse um evento *extraordinário*. No seu artigo *O Conceito de História* (2011), Hanna Arendt diz que a história se preocupa com os eventos que são apreendidos como extraordinários, porque eles estão fora do comum, do ordinário, do cotidiano que conduz a vida dos homens e, por isso, “[...] interrompem o movimento circular da vida diária” (ARENDR, 2011, p.72).

É interessante o comentário de Dioniso de Halicarnasso, em seu tratado *Sobre Tucídides*, 19, de que a visão de Tucídides da Guerra do Peloponeso é um exemplo de amplificação (*aukséseis*), pois Tucídides atribui a ela uma dimensão global que não se justificava (WOODMAN, 2004, p.7). A habitual prática da historiografia antiga de amplificação do material narrado, além de valorizar a narrativa que se está contando, também, conforme Marincola (1999, p.34-35), cria a impressão de que foi a própria grandeza da guerra que o “chamou” para escrever a sua história, ou seja, é a grandeza do evento que torna cidadãos em historiadores.

Ao amplificar a matéria de sua narrativa e chamá-la de a mais digna de ser narrada, Tucídides, implicitamente polemiza com seus antecessores que são Homero e Heródoto⁸. Ao assumir essa polêmica, o historiador ateniense necessitava desenvolver seu argumento para que fosse aceito por seus leitores. Conforme Orwin (1989, p.346), a afirmação de fragilidade dos tempos antigos não seria convincente sem indicações mais precisas que a justificassem, afinal, seu argumento discute uma visão tradicional do passado grego. Para legitimá-la, então, se utiliza na revisão do passado a partir daqueles parâmetros já definidos, a riqueza das cidades e o grande contingente grego envolvido na guerra.

Por conta dessa análise tucidideana, o *aksiólogos* passou a ser relacionado no discurso historiográfico aos termos *dapanémata* (grandes recursos), *kíndynos*

⁸ Conforme Marincola (1999, p.226), Tucídides raramente torna explícita a polêmica com seus antecessores, mantendo-os, em geral, no anonimato. Em I.97,2, no entanto, ele abertamente critica a obra de Helânicos, sobre a história de Atenas entre as guerras médicas e a do Peloponeso, como breve e cronologicamente imprecisa, porém sem se esforçar para analisar ou ridicularizar Helânicos.

(perigos) e *mēchanémata* (estratégias de guerra) das grandes cidades como critérios para determinar quais narrativas deveriam fazer parte da obra historiográfica, pois através da análise deles se poderia determinar a quantidade de recursos financeiros envolvidos na guerra e na amplitude da mesma, não só na revisão do passado, quanto na observação dos eventos presentes. Xenofonte, como observa Rahn (1971, p.502), implicitamente concordou com esses critérios, tanto ao fazer de suas *Helênicas* a continuação da *Guerra do Peloponeso* de Tucídides, quanto ao negar à narrativa qualquer comentário introdutório que pudesse estabelecer critérios novos na sua forma de trabalhar com o passado⁹.

No entanto, deve-se levar em conta que ser um continuador não significa ser um imitador servil do outro, e como observa Marincola (1999, p.237-238), qualquer historiador na Antiguidade tinha plena liberdade de acrescentar seus interesses e métodos particulares, mesmo que seguisse, de modo geral, algum modelo específico. O conceito de imitação na Antiguidade não significava um servilismo do imitador ao imitado, mas antes o uso inovador de uma matéria tradicional e, embora Xenofonte imitasse o estilo de Tucídides, isso não o impediu de buscar a sua própria forma de trabalhar o passado.

Na passagem que citamos acima das *Helênicas*, vemos um primeiro movimento em direção à forma original com que Xenofonte faz uso do passado: a incorporação de uma matéria biográfica com a finalidade pedagógica de tornar o comportamento admirável do homem em exemplo para o futuro¹⁰. Segundo Marincola (1999, p.22), esse interesse de Xenofonte pela questão ética, vislumbrada no comportamento do indivíduo, se coaduna com uma sensibilidade de uma época em que, depois da derrocada do regime democrático, a política se fixou na participação de poucos cidadãos que lideravam e dominavam as decisões das cidades; como consequência, para Pownal (2004, p.4), o interesse dos historiadores do século IV a.C. na narrativa de exemplos morais está relacionado ao fato de que a história assume o papel de educadora da elite aristocrática, para quem de fato os textos se dirigem, assumindo, assim,

⁹ Alguns críticos contrários a essa interpretação tradicional, como Delebecque (1957, p.39-40) e Defosse (1998, p.5), acreditam que a falta de um prefácio indica a existência de uma lacuna no texto de Xenofonte. Para uma análise detalhada do assunto, Cf. Hatzfeld, 1973; e McLaren, 1979.

¹⁰ O interesse de Xenofonte por questões morais e éticas do indivíduo está presente, em alguma medida, em todas as suas obras, mas o ponto culminante dessa inclinação pedagógica é a *Ciropedia*, uma espécie de biografia ficcional de Ciro, o velho, visando criar, a partir de um determinado tipo de comportamento ético e heroico, um modelo de líder a ser imitado pelos homens do futuro.

o papel da épica homérica de educadora da Hélade. Era preciso, então, instruir os líderes, para que se tornassem bons líderes e a história passa a ser a *magistra uitae*, pois, o comportamento ético e moral, embora protagonizada pela ação de indivíduo, ganha, na análise do historiador, um tom universal, abstrato, segundo Rüsen (2007, p.51), podendo, por consequência, ser aplicado em qualquer sistema político (MARINCOLA, 1999, p.22).

2 MORTE DE TERÂMENES: *HELÊNICAS* II.3.36

Na passagem das *Helênicas* II.3.36, que citamos acima, Xenofonte diz que o comportamento admirável (*agastón*) de Terâmenes se relaciona ao seu procedimento diante da morte, proferindo um dito que revela sensatez (*phrónimon*) e um espírito brincalhão (*paigniódēs*). Para se compreender o porquê de esse agir é admirável, logo *extraordinário*, aos seus olhos, deve-se levar em conta também as ações políticas Terâmenes narradas anteriormente nas *Helênicas*, e de que forma elas se relacionam com o comportamento final dessa personagem.

A primeira aparição destacada de Terâmenes vincula-se ao processo contra os generais de Arginusas que, depois dessa batalha em 406 a.C., não salvaram os naufragos dos navios afundados. No Livro I.7, Xenofonte narra o andamento desse processo e Terâmenes, que participara da batalha como trierarco, é um dos acusadores mais destacados dos estrategos, que se defendem da acusação afirmando que não recolheram os naufragos por causa da grande tempestade que os atingira durante a batalha (I.7.5-7). A votação fica para o dia seguinte, e Terâmenes e seus partidários levam à assembleia numerosos cidadãos vestidos de luto, fazendo-os passar por parentes das vítimas e, com esse estratagem, convence a assembleia. Xenofonte é bem conciso na narração desse evento e todo o julgamento aparece de forma resumida (I.7.1-11).

Após a vitória dos acusadores, inicia-se uma nova discussão, com a questão de se os generais deveriam ser julgados como um todo ou cada um isoladamente. Eriptólemo alega a ilegalidade da votação e inicia-se o debate entre os cidadãos, que termina com um longo discurso de Eriptólemo (I.7.16-33) exigindo que, mesmo que sejam julgados todos juntos, os generais deveriam ter tempo para se defender separadamente.

Percebe-se nesse rearranjo dos fatos pelo narrador uma posição contrária a Terâmenes e aos que acusavam os generais. Ao apresentar o julgamento de forma resumida, Xenofonte não apresenta com clareza os motivos da acusação

(I.7.4), enquanto, ainda que brevemente, dá maior espaço para a defesa, cujo único argumento era a impossibilidade de recolher os naufragos por causa da tempestade (LANG, 1992, p.268). Também fica, para nós, evidente o posicionamento contrário quando Xenofonte indica que a vitória de Terâmenes sobre a assembleia se deveu menos à justiça de seus argumentos do que pelo estratagema melodramático usado para comover os cidadãos. Ademais, quando a discussão avança sobre a legalidade da votação, a afirmação de que Sócrates não participou dela, porque se negou a fazer algo que não fosse de acordo com as leis (*ouk katà nómon*), contribui para pensarmos que Xenofonte também era contrário ao julgamento, já que Xenofonte era um discípulo de Sócrates. Por fim, o próprio espaço dado na narrativa a Eriptólemo nos parece significativo. Em meio à tensão do julgamento, é dele o único discurso apresentado, indicando, de algum modo, certo posicionamento do narrador. Para Lang (1992, p.267-8), a própria omissão do narrador de que o processo todo se dava sob a forma de *eisangelía*¹¹, é um indicativo relevante da sua recusa em reconhecê-lo como uma ação pública válida. Esses elementos, portanto, parecem-nos indicar a posição contrária do narrador na atuação de Terâmenes.

A segunda importante aparição de Terâmenes é como embaixador da paz entre Esparta e Atenas (II.2.16-23), para estabelecer os termos de rendição dos atenienses. Depois da batalha de Egospótamos (II.1.20-32), os espartanos tentavam invadir Atenas derrubando seus muros. É o próprio Terâmenes que propõe a assumir o papel de embaixador, porém “[...] ficou junto de Lisandro mais de três meses, espreitando quando os atenienses estivessem prontos a aceitar o que qualquer um propusesse, por carecerem de trigo completamente”¹² (II.2.16). Ao regressar a Atenas, Terâmenes acusa Lisandro pela demora e convence os atenienses a aceitarem as imposições dos espartanos, como a entrega da frota ateniense, a destruição dos seus muros e a presença de uma guarnição de lacedemônios em seu território. Novamente, o narrador não critica abertamente a atuação de Terâmenes, mas deixa alguns vestígios que podemos interpretar como uma traição do político aos interesses da cidade de Atenas em prol dos de Esparta. Xenofonte interpreta, por exemplo, a demora de Terâmenes como uma manobra para deixar a cidade com escassos recursos, fraca o suficiente para aceitar todas as exigências de Esparta.

¹¹ Dava-se o nome de *eisangelía* às acusações apresentadas contra algum magistrado.

¹² Tradução nossa. No original: διέτριβε παρὰ Λυσάνδρῳ τρεῖς μῆνας καὶ πλείω, ἐπιτηρῶν ὅποτε Ἀθηναῖοι ἔμελλον διὰ τὸ ἐπιλελοιπέναι τὸν σῖτον ἅπαντα ὃ τι τις λέγοι ὁμολογήσειν.

Após o estabelecimento da paz, foram eleitos trinta conselheiros, entre os quais Terâmenes, para formarem um governo temporário em Atenas, o Governo dos Trinta. Com o estabelecimento do regime dos Trinta, sob o apoio de Esparta, inicia-se um período de terror e perseguição aos democratas em Atenas, com muitos deles sendo condenados à morte sem nenhum julgamento (II.3.13). Nesse contexto, Terâmenes aparece como uma voz contrária a esse modo de governar e defensora de uma política oligárquica mais moderada (II.3.16), o que lhe resulta um conflito político com Crítias¹³, um dos mais influentes homens do regime. O resultado dessa oposição é a sua condenação à morte por traição.

Nos parece que, com suas últimas atitudes políticas, Terâmenes consegue uma espécie de absolvição do narrador, elas o reabilitam dos seus maus procedimentos passados. É ele agora que sofre com a perseguição injusta, e sua morte, então, ganha ares de heroica, heroísmo este que se culminará na última cena de sua vida, a cena da sua execução – justamente aquela que o narrador dissera que não era digna de ser mencionada.

Terâmenes fora representado nas primeiras aparições na narrativa como um homem ambicioso, que não teme usar de artimanhas para conseguir seus objetivos, indiferente tanto à justiça (tribunal dos generais da batalha de Arginusas) quanto aos interesses políticos da sua própria cidade (rendição de Atenas). Pode-se dizer que no arranjo dos fatos, há uma implícita construção trágica sob a figura de Terâmenes: a busca desmedida (*hýbris*) pelo poder o conduz ao erro (*hamártia*), ao associar-se com os Trinta que, no fim, acabam por se tornar seus carrascos. Diante da morte, no entanto, ele revela uma nobreza de caráter, com sua postura calma e brincalhona que relembra a postura de Sócrates, retratada por Platão e Xenofonte, que aceita a morte e passa o período de execução conversando com seus discípulos. Platão, por exemplo, no diálogo *Fédon* (58e), diz que Sócrates estava feliz (*eudaímōn*), mantendo uma tranquilidade tanto na maneira de se comportar como na de conversar.

Terâmenes revela um comportamento que Xenofonte crê digno de ser lembrado e recontado, uma postura admirável. E é justamente esse comportamento diante da morte que é um evento extraordinário, não a morte em si, pois foram muitas as mortes de opositores ao regime dos Trinta, mas apenas a de Terâmenes merece uma narração detalhada.

¹³ Político ateniense de família aristocrática, tio de Platão, e figurava entre os discípulos de Sócrates.

A nobreza de caráter diante da morte é também um aspecto do heroísmo presente na mitologia grega. A morte faz parte da trajetória dos heróis gregos que devem, necessariamente, experienciá-la (NAGY, 1999, p.9). Depois de uma vida cheia de brilho, repleta de aventuras, a morte humaniza o herói, traz à tona a humanidade cuja força e nobreza acima do comum podia ser esquecida. No caso de Terâmenes, após suas primeiras aparições vistas sob uma luz negativa, a morte, de algum modo, o reabilita moralmente, pois ela é decorrente de suas últimas ações públicas. Como observa Vernant (1977, p.31) a respeito da morte de Heitor no canto XXII da *Ilíada*, sozinho e diante da morte certa, só resta ao herói transformá-la em glória, “[...] um bem que lhe seja próprio e cujo brilho seja eternamente seu”, para que se torne uma narrativa que chegue aos homens do porvir. Nesse sentido, Terâmenes, arrastado pela ágora, mostra uma postura elevada de aceitação da morte e enobrecimento do caráter e, com essa postura, ele transforma a sua morte em digna de ser narrada aos olhos de Xenofonte.

O próprio confronto estabelecido com Crítias no tribunal ganha ares de um *agón* levado às últimas consequências. Os antigos parceiros se convertem em rivais, diante de uma assembleia em nada imparcial, se digladiando com as armas da retórica. No entanto, Terâmenes, como Heitor frente à força de Aquiles, já sabe que sairá derrotado, consciente da superioridade política de Crítias. Como observa Westlake (1969, p.249), o discurso de Terâmenes é marcado por um tom calmo, já que está consciente da sua derrota.

O esforço de sua luta, no entanto, é em defesa de sua honra, que fora ultrajada pelas acusações de maleável e hipócrita. Pode-se sugerir que, nesse ambiente político, o debate no tribunal se empresta quase ao papel de um duelo, e a acusação, a um procedimento parecido ao do ultraje do corpo na épica. O acusador busca destituir do acusado a sua honra, ao trazer à tona ações do passado que poderiam ser provas de seu mau-caratismo. Crítias, por exemplo, afirma que se Terâmenes tivesse se mostrado contrário à oligarquia desde o início, seria desde então um inimigo, mas não poderia ser considerado um covarde (*ponēros*). No entanto, fora ele o primeiro a conquistar a confiança e o apoio dos lacedemônios e agora, que percebia o descontentamento do povo, buscava mudar de lado. Como prova da verdade de sua acusação, Crítias relembra também a sua atuação durante o governo dos 400¹⁴, já que, quando percebeu que se formara um partido contrário à oligarquia, se convertera em democrata – por isso, recebera o apelido de coturno (*kóthornos*), pois se adapta

¹⁴ Tucídides, VIII, 68.

bem a ambos os pés. Por fim, acusa Terâmenes de traidor, lembrando que também ele participara da batalha de Arginusas e não recolhera os náufragos, mas que, para se defender, acusou os generais primeiro (II.3.32). O discurso de defesa de Terâmenes é, desse modo, menos a tentativa de se salvar da execução do que a de reabilitar sua honra, contestando as acusações. No ambiente do tribunal, acusado, e, no fim, condenado, o cidadão é colocado em uma espécie de posição de inferioridade. Porém, com seu fim exemplar, Terâmenes consegue recuperar a honra que perdera no tribunal.

A injustiça de seu julgamento e a violência de Sátiro tornam, desse modo, mais elevada a nobreza de seu procedimento final, a última cena da sua vida. Seu procedimento brincalhão e elevando Crítias ao estado de amante (comentaremos isso a seguir) parece ser repleto de *aidós*, uma dignidade que resulta na renúncia à vingança, à agressividade. Com esse último passo, converte-se em personagem exemplar, digno de ser lembrado. Com esse último passo, granjeia a si próprio uma espécie de *kléos* heroico, digno de ser immortalizado pela escrita da historiografia. A narrativa de Xenofonte projeta sobre o fim da vida de Terâmenes uma luz heroica, um brilho particular, que a torna única diante de tantas outras mortes no contexto de terror dos Trinta. Seu caráter extraordinário, então, torna-a digna de menção.

O caráter pedagógico da morte de Terâmenes é um exemplo importante do interesse de Xenofonte em tornar uma ação individual um “exemplo moral” de comportamento para seus leitores. Nicole Loraux (1994), analisando as orações fúnebres atenienses, afirma que o ideal heroico e a valorização da bela morte em Esparta e Atenas clássicas só se mantiveram, pois também se manteve na oratória a função educadora dos poemas homéricos, exaltando os indivíduos que, por suas ações, se convertem em heróis exemplares. É claro que, no contexto dos séculos V e VI a.C., o ideal de “bela morte” não era representado pela beleza do corpo no momento da morte do herói, mas, sim, pela condição ética e política do indivíduo (LORAUX, 1994, p.11). O dito memorável de Terâmenes, por exemplo, tem caráter de celebração das virtudes éticas e morais, é o elogio do indivíduo que na última ação de sua vida revela o posicionamento ético e moral elevado. Em seu artigo de 1978, Flory demonstra que a coragem em face da morte é um *tópos* das narrativas épicas gregas, em que uma pessoa diante da morte “[...]”

desempenha uma ação espirituosa, mas essencialmente desnecessária que demonstra desprezo pelo perigo¹⁵” (1978, p.411).

Pensando a respeito do que “é digno de ser narrado”, essa cena nada acrescenta aos desenvolvimentos militares e mesmo políticos, não se alia, portanto ao *aksiólogos* tucidideano. O que deve ficar claro é que, para Xenofonte, não é a morte de Terâmenes que ele assume como uma matéria que não deveria ser narrada, já que ela é exemplo do despotismo dos Trinta, mas sim os ditos espirituosos do personagem no fim da vida. A forma da representação da cena da morte, portanto, também deve ser avaliada quanto ao seu estilo.

3 O RISO SÉRIO

Depois de analisarmos o conteúdo da cena da morte de Terâmenes, buscando justificar o comentário do narrador de que ela não era digna de menção, achamos que também é importante algum comentário a respeito do estilo dessa passagem, para que possamos compreender a ruptura de Xenofonte em todos os seus pormenores. Do ponto de vista do estilo narrativo, também ele, de algum modo, não é digno de menção, pois a passagem foge do tom sério do discurso historiográfico, criando, em uma cena trágica, certo humor.

Thomas (2009, p.xiv) define essa passagem como um exemplo típico do *tricky speaker*, o falante astuto, recurso das narrativas populares de que Xenofonte faz bastante uso em algumas partes d’*As Helênicas*. Por causa do caráter sapiencial da fala, para Vivienne Gray (1989, p.9-10), este tipo de cena se deve a imitação que Xenofonte faz de Heródoto, já que, se cenas como essas são raras em Tucídides, em Heródoto elas são abundantes, pois ele usa com frequência o discurso direto como forma de expressar falas de teor sapiencial.

De fato, podemos encontrar em Heródoto cenas em que as personagens usam o discurso direto como forma de expressar algum tipo de conteúdo moral a respeito da vida. As formas do discurso direto em Heródoto são variáveis, aparecendo em diversos contextos, como diálogos privados, proclamações, oráculos e respostas aos oráculos, *apophthegmata*, tiradas espirituosas (PELLING, 2008, p.104). São inúmeros os exemplos na obra de Heródoto em que personagens se encontram em um âmbito informal e dialogam, principalmente nas partes que se referem aos tempos mais antigos, em que o narrador depende de fontes orais

¹⁵ Tradução nossa. No original: [...] *a person faced with death performs some spirited but essentially unnecessary action which demonstrates contempt for danger.*

para contá-la. O grande e memorável encontro entre Sólon e Creso (*Histórias*, I.29-33) é, nesse sentido, paradigmático, uma vez que nesse encontro entre o rei e o sábio, o caráter moral e filosófico se sobrepõe ao político e militar, ainda que os ensinamentos do filósofo sejam uma justificativa para a posterior derrocada política de Creso. Esse caráter filosófico e moral, pelo seu tom sapiencial, permite que o historiador de Halicarnasso veicule, também, sua própria filosofia de vida.

Se pensarmos, no entanto, que Pelling (2008, p.103) afirma que o discurso direto nas *Histórias* de Heródoto é usado nos momentos cruciais da história que ele está contando, o que dá um caráter trágico a ela, observamos que Xenofonte faz um uso diferente dessa técnica narrativa, pois a fala final de Terâmenes apenas revela seu caráter, porém não traz nenhum desenvolvimento político e militar para a narrativa, nem apresenta consequências para a história da cidade, nem mesmo se encontra em algum momento crucial da narrativa da história grega. Além disso, diferente de Heródoto, embora a fala de Terâmenes revele um tipo de saber ético e moral, ela é cômica, mostrando que também o espírito brincalhão pode ser admirável.

O teor cômico aparece, primeiramente, na resposta que Terâmenes dá a Sátiro, quando ele, aos gritos, é arrastado pela ágora. Quando este, no entanto, exige que ele se silencie senão irá se lamentar, a presença de espírito da personagem faz com que ele responda: "e se paro, acaso não lamentarei?". Terâmenes fora condenado à morte, e estava sendo conduzido para a execução; desse modo, o que lhe importavam as ameaças de novo sofrimento? O humor da cena se revela ao demonstrar certo absurdo de Sátiro em acreditar que alguma ameaça de violência poderia, nessas circunstâncias, causar algum efeito. Também revela a presença de espírito, a sensatez da personagem, que em uma situação de violência, é capaz de manter a calma e responder com ironia ao seu violentador.

Na sequência, para se compreender o humor subjacente à cena da cicuta, devemos retomar o significado do jogo do cótabo, prática comum nos banquetes da Grécia. O jogo consistia em derramar o vinho da taça em uma vasilha ou no chão para, pelo som produzido, descobrir a sinceridade dos sentimentos da pessoa amada. Terâmenes, ao tomar a cicuta, repete o gesto simposiático anunciando o nome de Crítias, seu antigo parceiro político, agora rival: "Isto é para o belo Crítias" (*Kritíai toút' éstō tói kalíoi*). Crítias é colocado na posição de amado de Terâmenes, quando, justamente, deveria ser odiado por ele. Além disso, o jogo deveria revelar os verdadeiros sentimentos da pessoa amada e, ao fazê-lo, Terâmenes estaria questionando quais eram os verdadeiros sentimentos

de Crítias, talvez até insinuando algum desvio de caráter da personagem com relação à política da cidade. Por fim, enquanto no jogo tradicional derramava-se vinho, Terâmenes derrama cicuta, dedicando a ele o veneno com o qual seria assassinado. Terâmenes parodia, desse modo, uma cena comum de banquete, descontextualizando-a, criando o humor e, assim, fazendo do dito espirituoso um fato memorável.

Há, nessas cenas, a presença de um tom cômico diante de uma cena trágica e temos, por isso, um exemplo de um discurso sério-cômico. O discurso sério-cômico (*spoudaiogeloios*) não é um gênero específico, como nos lembra Bakhtin (2010, p.122), mas uma atitude estilística, fruto da cosmovisão carnavalesca, que se assenta a partir do final do século V com, de um lado, a crise política e econômica da Grécia e, de outro, com a consolidação da filosofia, em especial a socrática, a fim de repensar os valores e conceitos tradicionais daquela cultura e que, portanto, como atitude estilística, ele poderia se misturar aos gêneros sérios e, segundo Bakhtin (2010, p.122-123), é justamente essa mistura entre os gêneros sérios e cômicos que deu grande impulso para o desenvolvimento da prosa ficcional no Ocidente, pela sua pluralidade tonal, fundindo o sublime e o vulgar, o sério e o cômico, a prosa e o verso, quebrando, portanto, a univocidade característica dos gêneros sérios da retórica antiga. O que define, de fato, o sério-cômico é a crença de que o riso, quando desprovido de vulgaridades, pode assumir propósitos morais e éticos e, assim, pode assumir um papel importante na educação da cidade (GIANGRANDE, 1972, p.17). O riso do sério-cômico não é exagerado, nem zombador, como o riso das comédias de Aristófanes, mas é desprovido da *aischrología* (obscenidades da linguagem) e da *loidoría* (censura, injúria). É um riso moderado que não busca ofender, mas sim educar, através de um humor brincalhão e inofensivo, que traz um conhecimento moral elevado.

É interessante que Terâmenes parodie uma cena de banquete, uma vez que o banquete, como subgênero do diálogo socrático, apresenta um grande interesse para o estudo do sério-cômico, pois caracterizava-se pelo uso mais ou menos imoderado do vinho, com músicas, danças e jogos, que propiciava o contato íntimo entre os participantes, como demonstra as representações de banquete nas obras homônimas de Platão e Xenofonte. Não existe, no banquete, a formalidade da praça pública, em que o indivíduo se converte em cidadão, ou seja, assume a função de seu cargo e, como tal, expressa-se com uma linguagem séria, organizada e programada de antemão para conquistar objetivos políticos. No banquete, surge a representação da atualidade viva da língua, com seus jogos

dialógicos, uma familiaridade e uma desenvoltura que nenhum gênero sério poderia representar, pois nele poderia se combinar o elogio e o palavrão, o sério e o cômico (BAKHTIN, 2010, p.137).

Na paródia efetuada por Terâmenes, portanto, Xenofonte traz para a praça pública um discurso ambivalente, próprio do sério-cômico, que expressa com sua trivialidade um conhecimento elevado do comportamento humano. Xenofonte, desse modo, tanto por ampliar o valor do significado de *aksióloga*, quanto por criar uma cena em que o humor ligeiro revela o caráter da personagem, sentiu necessidade de se justificar com seu leitor, já que estava fugindo das convenções do gênero tal qual estabelecidas por Tucídides. Se do ponto de vista de Tucídides, uma narrativa como a da morte de Terâmenes não seria digna de ser narrada, com detalhes ao menos, pois carece de importância histórica, política e militar, Xenofonte, ao revelar a postura ética de Terâmenes diante da morte, o heroifica e torna seu ato individual e particular um monumento para sempre, um fato memorável digno de ser lembrado. Além disso, faz do dito cômico tão importante e admirável quanto a ação heroica da guerra, capaz de expressar humano ético e moral que deve, por isso, ser imitado.

Portanto, Xenofonte dá um novo significado para o que é digno de memória: não apenas os fatos políticos e militares, mas também os de caráter particular e individual, desde que eles sejam exemplares, nem que sejam expressos pelo riso.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. O conceito de História – Antigo e Moderno. In: *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 69-126.

BREITENBACH, H. R. *Xenophon von Aten*. Stuttgart: Druckemüller, 1966.

CAWKWELL, G. In: *XENOPHON: A History of my times (Hellenica)*. Introduction by G. Cawkell and translation by R. Warner. Harmondsworth: Penguin, 1979. p.7-46. (Penguin Classics).

DEFOSSE, P. A propos du début insolite des “Helléniques”. *Belge*. nº46, 1968. p.5-24.

DELEBECQUE, É. *Essai sur la vie de Xénophon*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1957.

DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução, introdução e notas de Mario da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1987.

FLORY, S. Arion's leap: Brave gestures in Herodotus. *The American Journal of Philology*, vol.99, nº4, 1978. p.411-421.

-
- GRAY, V. J. *The character of Xenophon's Hellenica*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1989.
- HARTOG, F. The invention of History: The Pre-History of a Concept from Homer to HERODOTUS. *History and Theory*. Wesleyan University, 2000. Vol.39, nº3, p. 384-395.
- _____. (Org.). *A História de Homero a Santo Agostinho*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- HATZFELD, J. Notice. In: XÉNOPHON. *Helléniques*. Paris: Les Belles Lettres, 1973. p.5-27.
- KAGAN, D. *Thucydides*. The reinvention of history. New York: Penguin Books, 2010.
- LANG, M. Theramenes and Arginoussai. *Hermes*, nº.120, 1992. p.267-279.
- LÉRIDA L. R. *Comentario histórico de la Helénicas de Oxirrinco*. Institución Fernando el Católico: Deputação de Saragoça, 2007.
- McLAREN, M. A supposed lacuna at the beginning of Xenophon's Hellenica. *The American Journal of Philology*, vol.100, nº2, 1979, p.228-238.
- MARINCOLA, J. Thucydides 1. 22. 2. *Classical Philology*, Vol. 84, nº. 3. 1989, p. 216-223.
- _____. *Authority and tradition in Ancient Historiography*. New York: Cambridge University Press, 1999.
- NAGY, G. *The best of the Achaeans*. Concept of the hero in the archaic greek poetry. Baltimore and London: John Hopkins University, 1999.
- ORWIN, C. Thucydides' Contest: Thucydidean "Methodology" in Context. *The Review of Politics*, 1989, vol. 51, nº3, p.345-364.
- POWNALL, F. *Lessons from the past*. The moral use of history in fourth-century prose. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004.
- RAHN, P. J. Xenophon's developing historiography. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 1971. Vol. 102, p.497-508.
- RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- THOMAS, D. In: STRASLER, R. B. *The Landmark Xenophon's Hellenika*. Translated by John Marincola with an Introduction by David Thomas. New York: Pantheon Books, 2009.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. De Raul M. Rosado Fernandes e M. M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- VERNANT, J.-P. A bela morte e o cadáver ultrajado. Tradução, Elisa A.Kossovitch e João. A. Hansen. *Discurso*, São Paulo, Editora Ciências Humanas, n. 9,1978, p. 31-62.
- XÉNOPHON. *Helléniques*. Tome I (Livres I-III). Texte établi et traduit par J. Hatzfeld. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

WESTLAKE, H.D. Individuals in Xenophon, Hellenica. In: WESTLAKE, H. D. *Essays on the greek historians and greek history*. Manchester: Manchester University Press, 1969. p.228-269

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 13 de julho de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 12 de setembro de 2016.